

## EMPREENDEDORISMO, GESTÃO DE SI E PRECARIZAÇÃO: O CASO DE MOTORISTAS DE APLICATIVOS E SUAS PERCEPÇÕES SOBRE O TRABALHO

VANESSA DOS PASSOS COSTA<sup>1</sup>; MÁRCIO BARCELOS<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [vanessacosta@gmail.com](mailto:vanessacosta@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [barcelosmarcio@gmail.com](mailto:barcelosmarcio@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Observando o domínio significativo que os aplicativos de transporte têm tomado no ambiente virtual, e como esse tipo de atividade movimenta a classe social do proletariado, torna-se relevante explorar e aprender sobre esses profissionais, a fim de contribuir para a análise do comportamento – dos processos que interligam esse grupo – e do seu impacto na sociedade. Nesse sentido, a origem desse trabalho tem início a partir da necessidade de construir uma abordagem sobre a categoria no município de Pelotas, no Rio Grande do Sul. O ponto de partida é, então, direcionado aos entendimentos e as percepções dos motoristas de aplicativos em relação a sua própria prática laborativa cotidiana. Ou seja, como os motoristas de aplicativos, ainda que submetidos à condições extenuantes e com poucos direitos, constroem para si mesmos um entendimento segundo o qual são empreendedores?

Ao tema proposto, a relação entre três tópicos torna-se essencial para a discussão dos resultados: o cenário da uberização e da precarização do trabalho; o conceito de neoliberalismo; e as fundamentações acerca da teoria sobre empreendedorismo e gestão de si mesmo. Conforme explicado por ABÍLIO (2021, p. 933), “a uberização nomeia uma nova forma de controle, gerenciamento e organização do trabalho, tendo como elementos centrais, o trabalho sob demanda e processos de informalização”. Logo, essa precarização, que aparece no modelo de trabalho em plataformas digitais, sugere um retorno às ideias do neoliberalismo como uma doutrina socioeconômica. Isso pode ser entendido com o comentário de ANDRADE (2019, p. 227) sobre o impacto do neoliberalismo nas ciências sociais: “a legitimidade dos objetivos perseguidos dependia de sua conformidade com formas de racionalidade econômica baseada no livre mercado e em uma retórica assentada na prioridade dos consumidores, da eficiência e da competição”. Esse discurso de liberdade é comum no meio uberizado, onde os motoristas são direcionados, pelo sistema, a compreensão de autonomia e, com isso, também acabam sendo estimulados a subentenderem-se como empreendedores. Diante dessa exploração, é possível que os parceiros percebam a diferença entre liberdade e subordinação? A respeito da ideia de empreendedorismo e gestão de si mesmo, FONTES (2017, p. 59) declarou que “é a empresa quem define o modo de produção do serviço, o preço, o padrão de atendimento, a forma de pagamento e a modalidade de seu recebimento”.

Portanto, com base no referencial teórico apresentado, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar as percepções dos motoristas de aplicativos, frente ao contexto instável e desregulamentado que as plataformas digitais proporcionam. E os objetivos específicos podem ser definidos com as seguintes questões: como os motoristas de aplicativos percebem a liberdade do trabalho desregulamentado; como os motoristas sentem-se em relação às limitações e restrições das

plataformas; qual a consciência que esses profissionais têm diante da exploração do seu trabalho; e qual a motivação que esses trabalhadores têm perante o futuro dos aplicativos.

## **2. METODOLOGIA**

Esse estudo caracteriza-se essencialmente como uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, pois procura analisar criticamente os dados coletados, compreendendo a realidade do ambiente estudado. A pesquisa consiste em uma análise descritiva do objeto empírico e em entrevistas baseadas em um roteiro semiestruturado. A partir de uma pesquisa de campo – onde o pesquisador interage diretamente com os sujeitos – foram aplicadas entrevistas a fim de se obter elementos concretos para o desenvolvimento da pesquisa.

Além das entrevistas, outros caminhos de informações ainda puderam ser utilizados, para complementar o estudo do tema e contribuir para a análise do “problema”. As fontes de dados empíricos, desse trabalho, também incluíram a análise de documentos das plataformas digitais, como termos de uso e políticas de funcionamento, bem como notícias de jornais, páginas de internet e postagens em redes sociais – que ajudaram a contextualizar as práticas e as percepções no ambiente de trabalho dos motoristas de aplicativos. Complementarmente, foi realizada uma pesquisa em base de dados, como o Google Acadêmico e o SciELO, visando identificar e revisar artigos que contenham pesquisas empíricas sobre as experiências de trabalho dos motoristas, enriquecendo a compreensão dos fatores que moldam as relações de trabalho com plataformas digitais e a vivência cotidiana dos profissionais.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com base nos documentos lidos, nas experiências e nos relatos dos entrevistados durante a pesquisa, foram analisadas as percepções e motivações dos motoristas de aplicativos. Ao todo, foram seis profissionais entrevistados, no ano de 2024, com níveis de escolaridade que variam de ensino médio incompleto a ensino superior completo. Além disso, no período das entrevistas, os profissionais possuíam idades entre 25 e 53 anos. A partir das respostas obtidas, os arranjos centrais foram organizados em quatro categorias: liberdade e precarização do trabalho autônomo; limitações impostas pelas plataformas digitais; consciência da exploração; e motivações e expectativas futuras dos motoristas. Essas categorias permitiram uma análise detalhada sobre o impacto das condições de trabalho, no contexto das plataformas digitais, e as suas implicações para os motoristas da cidade.

Essa divisão foi fundamental, também, para detalhar e esclarecer os resultados, pois cada categoria aprofunda aspectos diferentes das percepções e vivências dos motoristas. A categoria “liberdade e precarização do trabalho autônomo” permitiu observar a ambiguidade com que os motoristas percebem sua liberdade, frequentemente vinculada à flexibilidade do trabalho, mas marcada por uma crescente precarização e instabilidade, conforme apontado por Tom Slee e Ricardo Antunes. A segunda categoria, “limitações impostas pelas plataformas digitais”, evidenciou as dificuldades enfrentadas pelos motoristas diante das regras rígidas e algoritmos controladores das plataformas, alinhando-se com as discussões de Gareth Morgan sobre o poder organizacional exercido pela

tecnologia. A terceira, "consciência da exploração", mostrou o nível de entendimento dos motoristas sobre o processo de exploração ao qual estão submetidos, remetendo às teorias de Pierre Bourdieu sobre as estruturas sociais e as desigualdades que reforçam a subordinação. Por fim, "motivações e expectativas futuras dos motoristas" revelou um misto de esperança e incerteza sobre o futuro das plataformas e o mercado de trabalho, vinculando-se às ideias de Gaulejac sobre a fragmentação social e as ideologias gerencialistas que moldam o comportamento dos trabalhadores. Essa categorização facilitou a análise ao proporcionar um quadro mais organizado e detalhado sobre os diferentes fatores que impactam a realidade desses trabalhadores, permitindo uma compreensão mais rica e completa dos resultados.

#### 4. CONCLUSÕES

A falta de regulamentação e de proteção social, além do equivocado discurso de empreendedorismo, são fatores críticos, levantados durante as entrevistas e pela análise dos autores estudados. Por isso, a reprodução desse modelo uberizado reflete as dinâmicas do mercado de trabalho contemporâneo, onde a promessa de autonomia individual é substituída pela realidade de precariedade e insegurança. Essa conclusão representa a necessidade urgente de se repensar a regulação desse setor, de modo a garantir melhores condições de trabalho e de segurança social para os motoristas de aplicativos. A regulamentação pode representar um caminho para eliminar as desigualdades e as injustiças do modelo atual, proporcionando um equilíbrio entre a flexibilidade desejada e os direitos essenciais dos trabalhadores uberizados.

Também é importante ressaltar que, ao longo do desenvolvimento desse trabalho, diversas limitações e dificuldades foram identificadas, impactando diretamente no processo de coleta e análise de dados. Baseado nas limitações encontradas, algumas sugestões podem ser feitas para futuras pesquisas que desejem abordar a uberização e a precarização do trabalho: ampliar o tempo disponível e explorar outras regiões, por exemplo. Ademais, é importante destacar que uma abordagem quantitativa complementar à qualitativa poderia trazer novas perspectivas, permitindo a realização de um levantamento estatístico mais amplo sobre o perfil dos motoristas e as suas condições de trabalho. Por fim, aprofundar a análise dos discursos das plataformas digitais e sua retórica de empreendedorismo e flexibilidade, através de estudos de caso ou etnografias digitais, também seria uma linha promissora. Isso ajudaria a compreender de forma mais completa como os motoristas internalizam ou resistem a esses discursos, e de que maneira essas ideologias gerenciais moldam suas percepções de trabalho e autonomia.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES, Virgínia. **Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho.** Disponível em: <https://www.niepmarx.blog.br/revistadoniep/index.php/MM/article/view/220/177>  
Acesso em: 23 fevereiro de 2023.

ABÍLIO, Ludmila Costhek. **Uberização: a era do trabalhador just-in-time?** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/VHXmNyKzQLzMyHbgcGMNNwv/> Acesso em: 28 abril 2023.

ANDRADE, Daniel Pereira. **O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/RyfDLystcfKXNSPTLpsCnZp/> Acesso em: 21 abril 2024.

SLEE, Tom. **Uberização: a nova onda do trabalho precarizado.** São Paulo: Elefante, 2017.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital.** São Paulo, Boitempo, 2018.

GAULEJAC, Vicent de. **Gestão como doença social: Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social.** São Paulo: Ideias e Letras, 2007.

MORGAN, Gareth. **Imagens da Organização.** São Paulo: Atlas, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo.** Petrópolis: Editoria Vozes, 1993.